



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FAC)
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

THALITA YUAN PEREIRA

**FEMINISMOS E PROPAGAÇÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS SOCIAIS: GUIA
PRÁTICO SOBRE FEMINISMO**

BRASÍLIA, DF

2020

THALITA YUAN PEREIRA

**FEMINISMOS E PROPAGAÇÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS SOCIAIS: GUIA
PRÁTICO SOBRE FEMINISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília — UnB, na forma de monografia, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Prof.^a M.^a Emília Silveira Silberstein.

BRASÍLIA, DF

2020

THALITA YUAN PEREIRA

**FEMINISMOS E PROPAGAÇÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS SOCIAIS: GUIA
PRÁTICO SOBRE FEMINISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília — UnB, na forma de monografia, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional.

Brasília, 04 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a Emília Silberstein (Orientadora)
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dra. Katia Maria Belisário
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dra. Délcia Maria de Mattos Vidal
Universidade de Brasília - UnB

Dedico este produto a todas nós mulheres, as que recém chegaram ao mundo e as que infelizmente já se foram, vítimas de feminicídio. As sobreviventes de violência doméstica e as que lutam até hoje por reconhecimento e igualdade. Este produto é em homenagem a todas elas. Que a nossa voz nunca mais seja silenciada e que possamos nos libertar de toda cultura que nos machuca e nos aprisiona.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me permitiu chegar até aqui. Aos meus pais, Vagner e Iris, que me apoiaram durante toda a minha trajetória acadêmica. A minha irmã, Thamires, que foi o meu alicerce para este trabalho acontecer, e ao meu namorado Lucas, que sempre esteve comigo e me apoiou incondicionalmente.

Sou grata também a todas as mulheres e ao movimento feminista, que me fizeram criar este guia prático em prol de uma melhor qualidade de vida para nós mulheres.

Agradeço também a minha orientadora, Emília Silberstein, que me ajudou e contribuiu de forma significativa para que este guia fosse produzido. A todos vocês, o meu enorme agradecimento.

"Mudanças feministas já tocaram a vida de todas as pessoas de forma positiva. E, ainda assim, perdemos de vista o positivo, quando tudo o que ouvimos sobre feminismo é negativo."

bell hooks

RESUMO

Esta memória aborda algumas das principais *fake news* que são propagadas cotidianamente sobre os feminismos. Com isso, este trabalho busca trazer uma reflexão mais profunda acerca do nosso papel como indivíduos perante a sociedade e a importância de esclarecer esses boatos a respeito do movimento feminista. O Guia Prático sobre o Feminismo: “O Que É Esse Tal de Feminismo?” é uma junção de falas de estudiosas sobre o assunto, curiosidades a respeito do movimento, esclarecimento de informações falsas que foram fortemente vinculadas nas redes sociais e uma reflexão sobre a relevância do movimento feminista na atualidade. Nesta obra, busca-se entender os principais pontos que são motivos de debate no movimento feminista, como a violência contra a mulher e a discussão sobre o seu lugar de fala no corpo social.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Machismo. Notícias Falsas. Mídias Sociais.

ABSTRACT

This memory addresses some of the main fake news that are propagated daily about feminisms. Therefore, this work seeks to bring a deeper reflection of our role as an individual before society and the importance of clarifying these rumors about the feminist movement. The Practical Guide about Feminism is a combination of speeches by scholars on the subject, curiosities about the movement, clarification of false information, that was strongly linked in social networks, and a reflection about the relevance of the feminist movement today. In this work, we seek to comprehend the main points that are reasons for debate in the feminist movement, such as violence against women and the discussion about their place of speech in the social body.

Key Words: Feminism. Gender. Sexism. Fake News. Social Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visibilidade e Privilégios entre Gêneros e Raças.....	25
Figura 2 – Paleta de Cores Principais.....	35
Figura 3 – Paleta de Cores Secundárias.....	35
Figura 4 – Tipografia.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos Entrevistados.....	28
Gráfico 2 – Informações Demográficas.....	28
Gráfico 3 – Conhecimentos Acerca do Feminismo.....	29
Gráfico 4 – Respostas à Pergunta “Você se considera feminista?”.....	30
Gráfico 5 – Respostas à Pergunta “Você é a favor do movimento feminista?”.....	30
Gráfico 6 – Opiniões Acerca da Igualdade Salarial.....	31
Gráfico 7 – Opiniões Acerca da Autonomia Feminina Sobre o Próprio Corpo.....	31
Gráfico 8 – Resposta à Pergunta “Você já acreditou em uma <i>Fake News</i> ?”.....	32
Gráfico 9 – Entrevistados que Compartilharam <i>Fake News</i>	32
Gráfico 10 – Mídias Mais Utilizadas Pelos Entrevistados.....	33
Gráfico 11 – Número de Entrevistados Que Buscam Veracidade de Notícias.....	33
Gráfico 12 – Portais de Confiança Para Notícias.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROBLEMAS DE PESQUISA.....	14
3 JUSTIFICATIVA.....	16
4 OBJETIVOS.....	17
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
5.1. Fake News.....	18
5.2. bell hooks - Feminismo Não É Anti-Homem.....	19
5.3. Aborto E Métodos Contraceptivos.....	21
5.4. Mais Do Que Uma Aparência.....	22
5.5. Naomi Wolf E O Mito Da Beleza.....	22
5.6. Djamila Ribeiro E O Feminismo Negro.....	24
5.7. Femicídio.....	25
6 METODOLOGIAS.....	27
6.1 Dados Obtidos Com A Pesquisa de Campo.....	28
7 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico aborda feminismos e propagação de *fake news* nas mídias sociais. Trata-se de um guia prático sobre feminismo, que pretende contribuir de alguma forma para o movimento feminista e para uma comunicação com menos propagação de informações inverídicas.

Infelizmente, ainda há pessoas que compreendem de forma equivocada o que é o feminismo. Além disso, há a forte ascensão das *fake news*, que consistem em informações inverídicas criadas a partir de boatos, os quais, por sua vez, não possuem nenhuma base teórica ou fonte confiável que comprove o que está sendo dito. Imagens manipuladas no *photoshop*, vídeos distorcidos e falas fora de contexto são alguns dos exemplos de *fake news* que foram disseminadas sobre o movimento feminista. Indivíduos, provavelmente de oposição ao movimento, costumam distorcer alguns conceitos sobre o tema numa tentativa de invalidar a luta contra um patriarcado.

O movimento feminista foi estereotipado pelas pessoas que se basearam numa falsa impressão do que é feminismo. Foi colocado que feminismo é o contrário de machismo, que é um movimento “anti-homem” e que tem como objetivo acabar com certas decisões que por muitos anos nunca foram questionadas, como o fato de uma mulher não querer se casar ou ter filhos. Quando falamos de feminismos, falamos da libertação da mulher, e uma dessas libertações é o simples direito de escolha. Os feminismos não dizem que você não pode ter filhos ou se casar; pelo contrário, eles defendem o seu direito de escolha, seja ele qual for. É direito somente da mulher escolher o que ela quer para si própria, e não de outra pessoa, do Estado ou até mesmo da Igreja.

Por muito tempo colocaram a mulher em posição de submissão e muitas foram criadas num sistema patriarcal, que para a maioria começa desde a infância, dentro de suas próprias casas, com a relação familiar. Mulheres foram criadas para acreditar que são frágeis e delicadas — a imagem das princesas dos contos de fada representa bem essa questão de como deveria se portar uma mulher. Além de serem frequentemente colocadas numa posição em que precisam ser salvas por um homem, é ensinado às mulheres que o seu objetivo principal na vida é alcançar um homem, e não a sua independência financeira ou o sucesso da sua carreira profissional. Na idade média, as mulheres que eram mais independentes ou que apresentavam ideologias diferentes das quais a Igreja pregava eram acusadas de bruxaria e

queimadas vivas numa grande fogueira. Querendo ou não, isso perpetuou o pensamento de que a mulher não poderia ter suas próprias ideias, de que era errado ter a sua independência. De fato, contribuiu para que muitas se calassem e levassem adiante esses pensamentos misóginos.

Ao tentar desconstruir e questionar essas ideias, que por muito tempo se propagaram e ainda se perpetuam, o movimento feminista acabou sendo alvo de perseguição e criação de boatos sem nenhuma base teórica ou comprovação científica. Com a ascensão das *fake news*, ficou ainda mais fácil desmoralizar todo um trabalho de desconstrução social que o movimento feminista está lutando para alcançar. Então, devemos nos questionar: como ficou fácil disseminar e acreditar em boatos que são espalhados cotidianamente e sem nenhuma comprovação? Como é a punição de pessoas que espalham informações falsas a respeito de algo ou alguém? São reflexões que precisamos fazer como nosso dever de cidadão. Mais que isso, precisamos buscar respostas para elas.

O *Guia Prático sobre Feminismo e Fake News — “O Que É Esse Tal de Feminismo?”* é um pequeno manual de leitura simples e acessível para desmentir alguns dos conceitos que foram criados sobre os feminismos e para nos fazer refletir sobre a importância de combater as *fake news*. Nele, são apresentadas falas de autoras conceituadas que desmentem essas mentiras criadas a respeito do movimento. O guia traz, também, curiosidades sobre os feminismos e visões mais claras a respeito do que se trata o movimento e essa luta por igualdade. Além de informações básicas que todo indivíduo, homem ou mulher, deveria saber sobre feminismos, por exemplo, o que é e qual a sua importância para a sociedade atualmente. Apesar de ser um guia que tende a esclarecer os mitos que foram criados e debater essa pauta, que tem uma expressividade muito séria e importante na vida da mulher, é ao mesmo tempo um guia para aprender um pouco sobre feminismos de uma forma mais lúdica e sem aquela pressão ou cobrança que algumas pessoas acabam exercendo quando tentam te falar de uma ideologia. É para ser mais um suporte e um material de apoio para aqueles que buscam entender mais sobre a pauta feminista e não encontram essas respostas de forma clara e verídica.

2 PROBLEMAS DE PESQUISA

O que realmente é feminismo? Por que um manual? Essas duas perguntas me levaram a questionar sobre o real entendimento a respeito do movimento feminista e como ele estava sendo retratado para a sociedade. Comecei a notar que pessoas ao meu redor consomem notícias falsas (*fake news*) sobre os feminismos. E, baseado nessas *fake news*, começa um primeiro afastamento de parte da sociedade em relação ao movimento feminista. Assim, senti uma forte necessidade de enfrentar essas falsas informações e trazer uma alternativa mais segura e verdadeira. A intenção do manual é desmistificar padrões inverídicos que circulam a respeito do movimento e dar às pessoas um real, simples e prático guia por meio do qual as pessoas possam decidir por elas mesmas o que é o feminismo, com base em fatos e não em *fake news*.

Numa era digital como estamos vivendo agora, o consumo de notícias na internet é maior do que o de alguns anos atrás. Hoje, se tornou mais simples e rápido acessar alguma notícia ou informação na internet. No bolso da sua calça, você pega o seu celular e já tem fácil acesso ao mundo das informações — basta um toque na palma da sua mão. Além disso, não podemos excluir também aquela parcela da população que, por condições financeiras menores, possui um pacote de dados com acesso à internet limitado, tornando mais difícil a conexão a sites de fontes mais confiáveis. Alguns pacotes de internet mais recentes priorizam o aplicativo de mensagens *WhatsApp* em detrimento de outros aplicativos e sites. Com acesso mais imediato a aplicativo de conversas, a pessoa pode estar recebendo com mais facilidade as notícias por meio de família, amigos ou terceiros. E vale ressaltar que nem sempre tais notícias são de fontes confiáveis. Assim, os pontos abordados até então nos levam a uma análise sobre o que está sendo consumido. Nesses casos, é sempre válido se perguntar: “Eu já verifiquei a fonte daquela notícia? É confiável? Aquela imagem que me enviaram no *WhatsApp* é verdadeira?”. Como sociedade, devemos fazer o tempo todo questionamentos como esses ao ler e ter acesso a informações que nos são repassadas. Pois, da mesma forma que ficou fácil o acesso a notícias, ficou fácil também o acesso a mentiras.

Foi dessa forma que eu notei que o que as pessoas sabiam sobre feminismo, geralmente, era com base em *fake news* divulgadas sobre o movimento. Tive como referência pessoas próximas a mim que afirmavam ir contra o movimento feminista,

mas que quando questionadas sobre o porquê de não serem a favor, a resposta estava nas *fake news* sobre feminismos que foram repercutidas. Por isso, não apoiavam. Afinal, todo o conteúdo que elas consumiram a respeito dos feminismos consistiu em mentiras divulgadas e compartilhadas diariamente. Ao digitar “feminismo” na aba de pesquisa do aplicativo Instagram, você poderá encontrar diversas imagens distorcidas, frases fora de contextos, vídeos editados e textos sem base teórico-prática nenhuma a respeito do movimento feminista. Esse tipo de informação está sendo consumido pela sociedade e distorcendo a visão que ela tem sobre o que realmente é feminismo.

É preciso romper esse sistema de compartilhamento de informações inverídicas e fornecer à sociedade acesso a fatos verdadeiros sobre os feminismos, fundamentados em notícias e conceitos com base teórico-prática, para que, assim, o indivíduo possa fazer a sua escolha em apoiar ou não o movimento.

3 JUSTIFICATIVA

Meu intuito com o trabalho de conclusão de curso não é apenas encerrar um ciclo e compilar tudo o que eu aprendi nos últimos anos em um estudo. Quero poder fazer algo mais, algo que possa fazer a diferença, nem que essa diferença seja em uma pessoa só. Acredito que a minha contribuição possa mudar um pouco do olhar distorcido que alguns indivíduos têm sobre o movimento feminista, afinal, considero este movimento de extrema importância para as mulheres. E eu, por ser mulher, quero também ser parte desta luta e poder fazer algo por nós. Minha missão é poder contribuir para o movimento e na vida de cada mulher.

Com este trabalho, espero não somente conseguir mudar um pouco da realidade das mulheres mas, também, trazer um novo olhar e uma nova perspectiva para este tema, pois, acredito que desta forma, pessoas depois de mim poderão utilizar este trabalho para futuros estudos e até aperfeiçoá-lo. Para mim, é de extrema importância que este guia prático consiga alcançar o máximo de indivíduos que estão desacreditados com o movimento, indivíduos que não conhecem nada a respeito dos feminismos, que não entendem o porquê de apoiar-se a esta causa e lutar por ela. Quero poder elucidar na mente de cada indivíduo as principais dúvidas acerca do movimento feminista e, dessa forma, evitar que repassemos falsas informações antes de saber sua veracidade.

Almejo que este trabalho possa não só contribuir para o campo acadêmico, mas também, que possa abrir fronteiras para as mulheres e para o movimento feminista. Busco que, por meio dele, novas portas se abram e novos olhares sejam criados, pois, minha maior contribuição será proporcionar uma nova percepção e, desse modo, fazer com que mais pessoas escolham se tornar parte do movimento feminista, tendo base nos fatos quanto ao tema e, assim, quem sabe, diminuir ao menos 1% do machismo instaurado na nossa sociedade, e que destrói as vidas de tantas mulheres.

4 OBJETIVOS

O produto tem como finalidade desmentir as notícias falsas que foram divulgadas sobre os feminismos nos meios de comunicação, principalmente nas mídias sociais, e trazer uma nova percepção para o tema, utilizando dados, fatos e uma base teórica de grandes autoras e estudiosas do movimento feminista.

Meu objetivo é que aqueles que não se consideram feministas, por não terem conhecimento sobre o que é o movimento, ou por uma visão distorcida sobre o mesmo, possam ter acesso a um material acessível e prático, com base em fatos, dados empíricos e com uma linguagem simples, de fácil entendimento, que contenha informações sobre os feminismos e sobre a importância que o movimento feminista tem na vida de cada pessoa. É baseado num material com um conteúdo verídico e, fundamentado em grandes autoras, que o indivíduo possa escolher aderir ao movimento ou não, sem a interferência de *fake news*, imagens adulteradas ou vídeos fora de contexto.

É essencial que todos possam ter acesso, independente de raça, gênero ou classe, sendo assim, distribuído de forma gratuita em versão impressa e digital. A versão impressa poderá ser distribuída por toda a Universidade de Brasília – UnB, e em lugares públicos de grandes acessos, como, por exemplo, em postos de dúvidas da Rodoviária de Brasília, além de escolas públicas da Educação Básica, escolas particulares de ensino de idioma, clínicas médicas, hospitais públicos e afins. O guia digital poderá ser facilmente disseminado por meio das mídias sociais, grupos do *Facebook*, compartilhamentos por meios de aplicativos de conversas entre outros.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 *Fake News*

Fake News ou Notícias Falsas são aquelas informações inverídicas, com dados falsos. Geralmente, são criadas com o intuito de manchar a imagem de pessoas, lugares ou determinados assuntos. As *fake news* ganharam mais forças nas eleições presidenciais dos Estados Unidos da América (EUA), no ano de 2016, e conseqüentemente, no Brasil, ganhou mais notoriedade nas Eleições de 2018. Antes disso, as *fake news* já existiam, exemplo disso foi em 1969, quando os Estados Unidos da América fizeram os primeiros homens chegar à lua. Tal acontecimento gerou rebuliços, e a disseminação de boatos diziam que tudo não passava de uma armação, dentro de um estúdio de gravação. Para Otavio Frias Filho, diretor de redação do jornal Folha de S. Paulo, "O que elas parecem ter em comum é a propriedade de se alastrar de modo principalmente oral entre camadas da população de menor instrução e informação, além de obedecer a roteiros em geral conspiratórios e delirantes." (FILHO, 2018, p. 41).

Alguns acreditam fortemente em *fake news*, pois confirmam o pensamento que possuem e, às vezes, enxergar uma *fake news* de um tema que você sempre acreditou, pode ser um pouco difícil. Esta prática aumenta o embate de pessoas em lados opostos de um determinado assunto, e tira o foco, que é impedir que boatos circulem cada vez mais, principalmente nos meios de comunicação. Ilustrando um pouco melhor, quando falamos de feminismos, todos aqueles que já têm a sua opinião formada e são contra, dirão que o que é falado sobre feminismos é *fake news*. Desta forma, é necessário que se faça essa reflexão e, assim, desenvolver um olhar mais crítico a tudo que consumimos, principalmente, na era digital, que se tornou uma evolução do famoso "boca a boca". A definição de *fake news* segundo Filho é:

O termo *fake news* deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. (FILHO, 2018, p.43)

O ato de criar e espalhar uma *fake news*, é uma forma maliciosa de difamar uma pessoa, geralmente, alguém com pensamentos contrários, ou que tenha algum desentendimento. Essa é uma atitude tão perigosa que já levou pessoas à morte,

como no caso do linchamento de Fabiane Maria de Jesus, que foi morta por moradores do bairro de Morrinhos IV, na periferia do município de Guarujá. Os moradores a lincharam por julgarem que Fabiane sequestrava crianças e, como na hora do ato do linchamento Fabiane portava uma bíblia em suas mãos, acreditaram, então, que ela realizava rituais satânicos. Tudo começou com um retrato falado, feito dois anos antes do caso, da suposta mulher que praticava tais atos. Por um boato da vizinhança, confundiram com Fabiane, ocasionando assim, sua trágica morte. Esse e outros exemplos da *fake news*, são um lembrete diário do quão importante é combater esse tipo de informação, e não permitir que mais pessoas ou assuntos sejam difamados por mero ódio.

É preciso considerar que essas ações não podem ficar impunes, de acordo com o advogado especialista em crimes cibernéticos Luiz Augusto Filizzola D'Urso:

Quando um indivíduo, também influenciado por tais características, compartilha uma Fake News, pode sim estar cometendo crime. Se a notícia falsa for difamatória, por exemplo, e divulgada na íntegra pelo sujeito que compartilha, poderá suportar as sanções penais. Aliás, o mero compartilhamento de uma Fake News pode resultar a quem compartilhou a obrigação de um pagamento de indenização à vítima da mentira. (D'URSO, 2018)

Alguns indivíduos ainda pensam que, por estarem escondidos atrás de um computador ou de um perfil *fake* na internet, têm o direito de criar informações falsas, com o intuito de difamar algo ou alguém, além de proferir discursos de ódio e acreditar que sairão impunes. Mas a tolerância para este tipo de atitude tem diminuído e as devidas punições estão sendo aplicadas. O combate à *fake news* é um dever do cidadão, que busca uma sociedade mais justa e com menos ódio gratuito.

5.2 bell hooks - feminismo não é anti-homem

Como base para meu guia, busquei trabalhar com autoras que tivessem uma abordagem mais acessível e completa. Em conversa com a minha orientadora, fui apresentada a autoras que trabalham exatamente o tema do meu produto, como por exemplo, bell hooks, que traz em sua obra "O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras", a importância do movimento feminista e sobre desconstruir os padrões que ao longo dos anos foram impostos pela sociedade.

Para hooks, de maneira simples e clara, o feminismo é um movimento que visa acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão. Mas opressão de quem? Esta

definição não deixa os homens necessariamente fora do movimento, e sim, destaca que a sociedade, como um todo, pode ser sexista e opressiva, inclusive, as mulheres podem reproduzir determinados padrões sexistas. A desconstrução de parte do que foi dito sobre o feminismo e a desmistificação, é um dos pontos principais para quem busca saber mais sobre o movimento. Outro fator importante é o quanto as mulheres também precisam olhar para si ao construir o movimento feminista, assim, pode-se afirmar que “as mulheres não poderiam se juntar para promover o feminismo sem confrontar o nosso pensamento sexista. A sororidade não seria poderosa enquanto mulheres estivessem em guerra, competindo umas com as outras” (HOOKS, 2019, p.19)

Os feminismos não são contra os homens, são a luta pelo fim de uma sociedade sexista e patriarcal. É fundamental, quando se fala de desmistificação do movimento feminista, que falemos da importância do papel do homem nessa luta. A conscientização é o primeiro passo para desconstrução de pensamentos e atitudes machistas que são impostos a nós e, que estão enraizados em quem somos. Assim, hooks traz a reflexão sobre o reconhecimento do homem para com essa luta, também sendo dele, e de como ele precisa se aliar. Para o feminismo, progredir é necessário, e também, combater a imagem que foi criada sobre os feminismos serem anti-homem, pois, o movimento feminista é, na verdade, anti-sexismo. hooks deixa isso bem claro e traz o pensamento de que os feminismos são um dever de todos, homens e mulheres.

Nós, mulheres, fomos criadas para sermos vistas como seres inferiores aos homens, como se estivéssemos numa eterna competição, onde o prêmio é o homem. Fomos criadas para sermos submissas, colocando em evidência o sexismo enraizado, do qual fomos submetidas. hooks afirma que “antes de tudo, o movimento feminista incentivava as mulheres a parar de nos ver e de ver nosso corpo como propriedade do homem. Para exigir ter controle sobre nossa sexualidade, sobre métodos contraceptivos eficientes e direitos reprodutivos (...)” (2019, p. 35)

Quando buscamos o direito a nós mesmas e não permitimos mais ser vistas como propriedade de alguém, isso gera inquietação e revolta. Fomos criadas por pais e mães que também foram criados por pensamentos sexistas e assim por diante. Por longos anos esse padrão se repetiu até que paramos de aceitar isso e começamos a nos questionar sobre o porquê. O que incomoda é a liberdade das mulheres e o fato de que agora tomamos as nossas próprias decisões.

5.3 Aborto e métodos contraceptivos

Outro ponto que bell hooks nos traz, é a questão do nosso corpo ser algo que somente nós podemos controlar. E do quanto é falha a questão do controle de nossos corpos, afinal, mulheres brancas e de classe alta têm mais direitos ao corpo do que mulheres negras e de classe baixa, hooks afirma que:

Antes que pudesse haver qualquer igualdade de gênero em relação à questão do amor livre, mulheres precisavam ter acesso garantido a métodos contraceptivos seguros e eficientes e ao aborto. Enquanto mulheres brancas individuais, com privilégios de classe, frequentemente tinham acesso a ambas as garantias, a maioria das mulheres não tinha. (2019, p. 50)

O movimento feminista não encontra apenas o sexismo como problema, mas também, as questões de raça e de classe. É comum a visão de que a existência da mulher seja apenas para procriar e continuar a humanidade. A questão do aborto veio de encontro com o cristianismo, pois, desafiou a imagem de que mulheres precisam procriar pelo simples fato de serem mulheres, independentemente de suas vontades e condições. Deste modo, entende-se uma divisão de classes, visto que o aborto no Brasil é crime, mas, ainda assim, estes abortos acontecem, pois há quem tenha dinheiro para pagar um aborto seguro, segregando assim, mulheres ricas e mulheres pobres. Mulheres que possuem mais condições financeiras, o aborto é permitido de certa forma, porém, muitas mulheres de baixa renda, infelizmente, acabam morrendo na tentativa de um possível aborto. hooks ressalta que "como consequência, mulheres de todas as raças que têm privilégios de classe continuam a ter acesso a abortos seguros — continuam tendo o direito de escolher —, enquanto mulheres em desvantagem material, sofrem." (2019, p.53).

Há quem diga que era apenas uma questão de cuidado contraceptivo, mas devemos considerar todo um cenário, geralmente mulheres com condições financeiras mais baixas não têm o mesmo acesso à informação e a métodos contraceptivos que mulheres de classe alta possuem. A desigualdade existe entre as próprias mulheres e, ainda assim, aquelas que insistem ir contra todo patriarcado que foi imposto, são todas taxadas pela sociedade como pessoas ruins, pessoas que não são a favor da vida, pessoas estereotipadas e sem valor.

5.4 Mais do que uma aparência

É abordado na obra literária de hooks a questão da imagem da mulher. A forma como fomos projetadas a ser julgadas somente pela aparência e não pelo que somos de fato. hooks (2015), afirma que todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e, em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens. Com o tempo, as revoluções foram acontecendo e as mulheres começaram a se questionar do porquê. Para hooks:

A revolução do vestuário e do corpo criada pelas intervenções feministas fez com que mulheres aprendessem que nossa carne merecia amor e adoração em seu estado natural; nada precisava ser acrescentado, a não ser que uma mulher escolhesse se enfeitar. (2019, p.58):

Desta forma, no mundo começou a surgir um impacto devido esse modo de pensar, as indústrias de beleza e cosméticos tinham medo que essa ideologia fosse destruir seus negócios. Com isso, lançaram campanhas ridicularizando o movimento feministas e as mulheres que se denominavam como tal, fazendo-as parecer mulheres mal amadas, masculinizadas e feias, das quais ninguém poderia haver de se interessar.

O que nos leva ao ponto de como a mulher foi projetada para agradar os homens e, por isso, sua beleza precisaria estar impecável, de acordo com um padrão de beleza que foi imposto às mulheres. Afinal, você precisa de um homem, você tem que estar bela para conseguir um, era nisso que queriam que nós acreditássemos. E apesar da incessante luta para derrubar conceitos como este, há quem se engana em achar que isso não existe mais, foram colocados a nós, mulheres, uma competição pela beleza, que está arraigado na nossa cultura.

5.5 Naomi Wolf e o mito da beleza

Em 1990, Naomi Wolf publicou “O Mito da Beleza”, onde ela sugeriu que o padrão de beleza foi socialmente construído e, que por mais que avancemos em

termos de igualdade, a beleza ainda é algo que algumas mulheres são reféns. Para Wolf, "O Mito da Beleza diz às mulheres que elas devem se esforçar por um ideal feminino estreitamente construído e que é basicamente impossível de alcançar" (WOLF, 1990). A lógica seria que nós mulheres gastamos tanta energia tentando alcançar este mito da beleza, que não focamos no principal que é a luta por uma mudança social feminista. Durante um tempo, foi dito o mito de que a beleza é alcançável e, assim, o início de uma disputa para alcançar esse mito, o que dificultou mulheres a ter acesso a uma vida mais leve.

Alguns meios dos quais as indústrias de beleza e a mídia encontraram de acorrentar as mulheres ao mito, foi através dos cosméticos de beleza, exercício físico, dieta e cirurgias plásticas. Nos fizeram acreditar que os corpos ideais eram das modelos que desfilavam em grandes desfiles de modas e apareciam nas capas de revistas, fazendo com que diversas mulheres abusassem do exercício físico a ponto de deixar de ser algo saudável. E caso não conseguisse alcançar o mito que pregavam, vinha a frustração e a auto-rejeição. Cirurgias plásticas foram o meio encontrado para mudanças das quais muitas vezes são radicais, levando a morte de mulheres que estavam tentando alcançar uma lenda da qual não existe.

Com o problema de uma beleza inalcançável que nos foi imposta, surgiram alguns problemas de saúde como bulimia e anorexia, onde foram estabelecidos padrões estéticos de mulheres magras, com seios avantajados, olhos claros, cabelos lisos, lábios carnudos e geralmente loiras. A pressão por alcançar este tipo de padrão, do qual é praticamente irreal, levou mulheres a desenvolver problemas de saúde e a seguir dietas perigosas que colocam suas vidas em risco. A anorexia se tornou comum, o normal era você ser extremamente magra e não saudável. E ao mesmo tempo que hoje se discutem a pauta da anorexia e como é perigoso, também estampam em capas de revistas mulheres com corpos extremamente magros, e que podem ser imagens manipuladas por *photoshop*. As próprias revistas desenvolvidas para a mulher, são uma agressão contra elas mesmas, com ideologias que ferem e aprisionam, e não que curem ou libertem. Assim podemos dizer que: "Não seremos livres até que as feministas retornem à indústria da beleza, retornem à moda e criem uma revolução contínua e sustentável. Não saberemos como amar o corpo e a nós mesmas." (HOOKS, 2019, p.63)

Certas passagens da Bíblia trazem alguns pontos que elencam a inferioridade da mulher, como o fato da mulher ter de aceitar que quem deve tomar as decisões

pertencentes a sua vida e a sua família, é o homem. Ou o fato também de ela ser vista apenas como uma forma de reprodução da humanidade. Matilda Joslyn Gage, em 1893, registrou suas teorias em “Woman, Church and State”, onde ela culpava tanto o Estado quanto a igreja por colocar a mulher numa posição inferior aos homens. Ela enxergava o casamento como mais uma forma de dominação do homem sobre a mulher. “(Mulheres) são ensinadas antes do casamento a esperar sustento dos pais, e depois, dos maridos.”¹ (CAGE, 1852, p.2, tradução nossa).

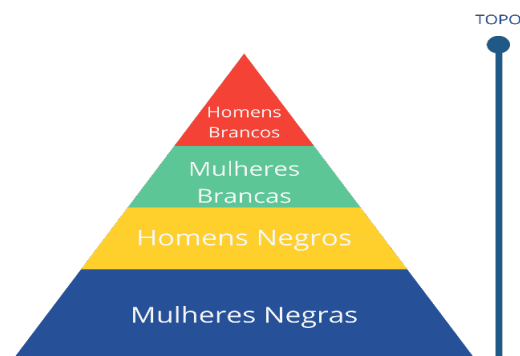
5.6. Djamila Ribeiro e o feminismo negro

Os feminismos têm as suas próprias divisões dentro do movimento, engana-se quem acredita que todas as mulheres são iguais, de privilégios ou direitos. Na obra “O Que é Lugar de Fala” de Djamila Ribeiro, a representatividade da mulher negra é amplamente retratada. Djamila menciona diversas outras autoras que discutem essa questão do feminismo, trazendo a percepção do *Outro*, que nada mais é do que a forma que a mulher é vista, apenas como o Outro, alguém sem importância que se define através não de si mesma, mas através do homem, que é colocado como sujeito. Simone de Beauvoir, entendia a mulher, de forma genérica, enquanto Outro do homem. Para autoras como Djamila Ribeiro e Grada Kilomba, é necessário enfrentar essa falta, esse vácuo, que não enxerga a mulher negra numa categoria de análise. Ambas apontam o fato de as mulheres negras serem lidas enquanto Outro das mulheres brancas. Grada Kilomba, amplia esse olhar do *outro* quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. (RIBEIRO, 2019)

Se formos considerar uma pirâmide para explicar a questão de visibilidade e privilégios entre homens e mulheres, podemos colocar as mulheres negras na base, como as últimas a serem reconhecidas pela sociedade e a serem beneficiadas por algo. Logo após podemos colocar homens negros, mulheres brancas, e no topo homens brancos.

¹ (Women are) taught before marriage, to expect a support from their fathers, and after, from their husbands;

Figura 1 – Visibilidade e Privilégios entre Gêneros e Raças



Fonte: A autora (2020)

A desigualdade entre a mulher negra e a mulher branca é perturbante quando paramos para analisar que homens, ainda assim, estão acima das mulheres quando a questão é privilégio e reconhecimento. Ao olhar para o movimento além de algo só como gênero e analisar do ponto de vista ético, é possível perceber essa desigualdade. "Mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas, e mulheres negras ganham menos do que todos." (RIBEIRO, 2019, p. 39).

5.7 Femicídio

Quando falamos da questão de gênero e dos feminismos, não podemos ignorar uma das maiores lutas dentro do movimento, que é a violência doméstica. A violência contra a mulher é uma pauta da qual deve ser debatida todos os dias. A Agência Brasil compartilhou uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), revelando que os casos de feminicídio durante a pandemia do COVID-19, aumentou em cerca de 22,2%, em 12 estados brasileiros, comparado ao ano passado. Este número mostra o quanto a violência doméstica é capaz de trazer danos fatais a mulher e ao seu bem-estar.

A violência contra a mulher geralmente começa de forma sutil, no início o agressor é dócil e romântico. Mas à medida que o relacionamento vai crescendo, um novo homem vai surgindo, e a tentativa de controlar a vida da parceira vai

aumentando. Às vezes um simples "pedido", como usar roupas menos sensuais, é uma forma de ter sob o controle dele a mulher, e isso é só uma abertura para controlar não só a vida pessoal, mas também profissional da vítima. O abuso psicológico se faz presente e tende a ser o primeiro sintoma de uma relação abusiva, o abusador tende a dominar a mulher, enfraquecendo sua saúde emocional, ou seja, mexendo com o seu psicológico. Para hooks "A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva." (2019, p. 95).

O debate sobre a violência contra a mulher é importante para criarmos uma rede segura de proteção às mulheres, para que mais vítimas desses abusos, tanto físicos quanto psicológicos, possam denunciar os seus abusadores e se libertem desse mal, antes que uma tragédia maior possa vir acontecer. Conversar e alertar sobre a violência contra a mulher, ajuda às vítimas a verem que há uma solução e que elas podem sim buscar por ajuda e refúgio, mesmo que às vezes, o sistema judiciário seja falho.

6 METODOLOGIA

O assunto feminismo foi a certeza absoluta no primeiro momento quando pensei em trabalho de conclusão. Após cursar a disciplina Jornalismo e *Fake News* no departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, encontrei o assunto que queria abordar no meu trabalho.

Senti que muitas pessoas ao meu redor não se consideram feministas por basearem-se apenas em *fake news* de fácil acesso sobre os feminismos, em falsas imagens ou vídeos manipulados que distorcem a verdade sobre o movimento. Vi, então, que eu poderia falar sobre feminismo de forma limpa, clara e aberta; assim, a população teria um material completo e informativo sobre o movimento, podendo querer aderir ou não ao feminismo, mas tendo tido acesso aos fatos.

A princípio, o trabalho começou com uma monografia. Durante todo o segundo semestre de 2019, trabalhei para desenvolver uma monografia onde eu pudesse abordar todos os tópicos importantes sobre como as *fake news* distorcem a verdade e espalham ódio. Com a orientação da professora Emília Silberstein, comecei pelo aprofundamento nas leituras indicadas, como por exemplo bell hooks. A abordagem da autora no livro *O Feminismo é Para Todo Mundo* fascinou-me e inspirou-me a querer fazer um trabalho como o dela, algo com uma linguagem mais simples, de fácil acesso e coerente. Continuei estudando as autoras indicadas e conheci Djamila Ribeiro, que detalha bem a relação dos feminismos com as mulheres negras, trazendo diversas reflexões de como as mulheres negras são frequentemente invisibilizadas no feminismo branco.

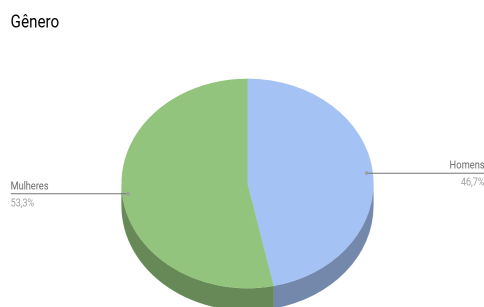
Todos esses pensamentos trouxeram pontos os quais eu não poderia deixar de abordar. Como complemento deste estudo, fui orientada a buscar as vozes das pessoas ao meu redor. O que elas sabem sobre feminismos? Como elas se consideram neste movimento? Qual a percepção delas sobre essa luta? Todos esses questionamentos me fizeram ir às ruas para ouvir o que a sociedade tinha a dizer. Comecei na Rodoviária do Plano Piloto, onde abordei pessoas de idades entre 25 a 60 anos. Complementei este material com mais um dia de aplicação de questionário,

indo até o Taguacenter, localizado em Taguatinga, e entrevistei mais pessoas. O questionário era simples e rápido, com apenas 12 perguntas, e em sua maior parte eram perguntas de sim ou não. Porém, pude perceber uma certa resistência das pessoas ao quererem falar comigo, mesmo afirmando a anonimidade. Então, no segundo dia no Taguacenter, comprei uma caixa de balas, oferecendo um brinde a quem estivesse disposto a falar comigo. Isso facilitou a abordagem e deu mais abertura para as pessoas quererem falar. Durante a aplicação do questionário, fiz uma gravação de voz para cada indivíduo com quem falava; dessa forma, eu teria um material para ouvir mais tarde e estudar novamente sobre as entrevistas. Esse pequeno estudo de campo trouxe muitas respostas para as perguntas que eu tinha, assim como confirmações de que há pessoas que não se consideram feministas por não saberem exatamente o que é e do que se trata o movimento.

6.1 Dados Obtidos Com A Pesquisa De Campo

Na primeira fase da pesquisa, a média de idade das pessoas entrevistadas foi de 26,4 anos, o que fica em torno de 20 a 30 anos. Ou seja, a maioria foi de pessoas jovens, sendo que 53,33% foram mulheres e 47,67% foram homens.

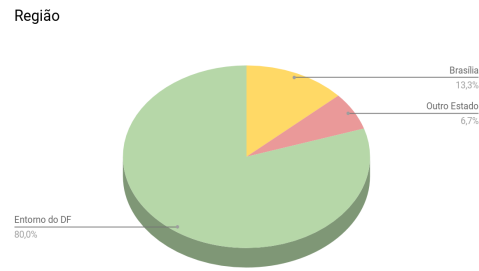
Gráfico 1 – Gênero dos Entrevistados



Fonte: A autora (2020)

Destaca-se que 80% das pessoas ouvidas são de cidades do entorno do DF, apenas 13,33% são de Brasília e 6,66% são de outro estado.

Gráfico 2 – Informações Demográficas

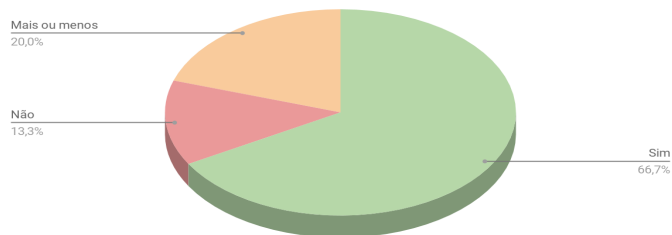


Fonte: A autora (2020)

A grande maioria afirmou saber o que é o movimento do feminismo e uma minoria afirmou não saber o que é. Em alguns casos, houve apenas um conhecimento superficial sobre o assunto.

Gráfico 3 – Conhecimentos Acerca do Feminismo

Você sabe o que é feminismo?



Fonte: A autora (2020)

Apesar de a grande maioria afirmar saber o que é feminismo, nem todos souberam explicar o que é o movimento. E quando questionados sobre o que seria o movimento feminista, uma parte enxerga como o gênero feminino acima do masculino, outros como o oposto de machismo e muitos se limitaram a dizer igualdade entre ambos os gêneros. A seguir, as respostas dadas:

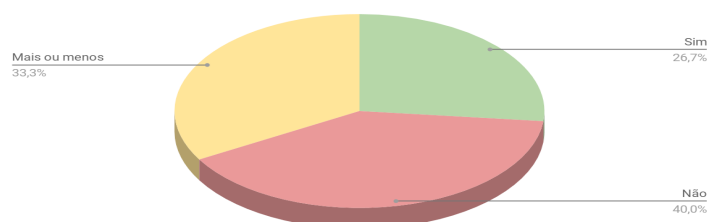
1. Nulo.
2. “Movimento criado pelas mulheres para elas se expressarem. Um meio das mulheres se defenderem da sociedade”.
3. “Luta de igualdade entre as mulheres, todo mundo é igual”.
4. “Busca entre igualdade entre homens e mulheres”.
5. “A mulher lutar por direitos iguais aos homens”.
6. “A feminista defende ‘meu corpo, minhas regras’”.
7. “Você é feminino ou masculino”.

8. “Feminismo é o cara machista. Brincadeira! Feminismo para mim é quando a mulher se autoidolatra, ela quer ser muito mais que o homem”.
9. “Ai, não sei, pula essa”.
10. “Bom, feminismo, para mim, é aquelas mulheres que querem fazer o mesmo que os homens fazem”.
11. “O de antigamente as mulheres lutavam por direitos que elas realmente mereciam e não era o feminismo extremo que está atualmente. Tu viu uma reportagem que teve de 2 mulheres feministas que estavam manchando a marca das feministas, saindo com pelos no sovaco pelada na rua? Não tenho nada contra, mas não vamos bagunçar as coisas, as feministas de antigamente conquistaram muitos direitos para chegarem às atuais e bagunçar as coisas”.
12. “Mulheres buscando os mesmos direitos que os homens”.
13. “Espécie de movimento que as mulheres buscam para tentar ter os direitos dela iguais os dos homens”.
14. “Levantar a igualdade feminina homem e mulher”.
15. “Movimento da mulher buscando "igualdade" perante os homens”.

Quando foi perguntado se a pessoa se considerava feminista e se era a favor do movimento, uma parte dos respondentes consideraram-se feministas e também responderam que eram contra o movimento, trazendo uma certa oposição. Pode-se notar que pela falta de conhecimento sobre o movimento, as pessoas se prenderam, muitas vezes, apenas nas notícias de jornais específicos, o que pode enviesar muito as percepções.

Gráfico 4 – Respostas à Pergunta “Você se considera feminista?”

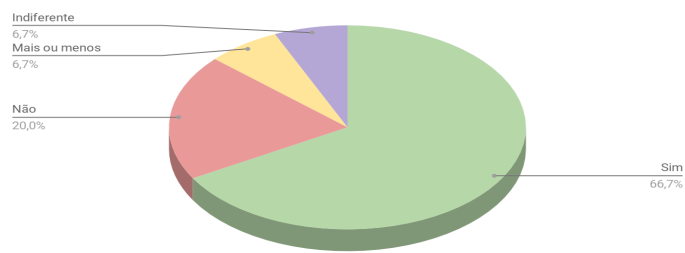
Você se considera feminista?



Fonte: A autora (2020)

Gráfico 5 – Respostas à Pergunta “Você é a favor do movimento feminista?”

Você é a favor do movimento feminista?

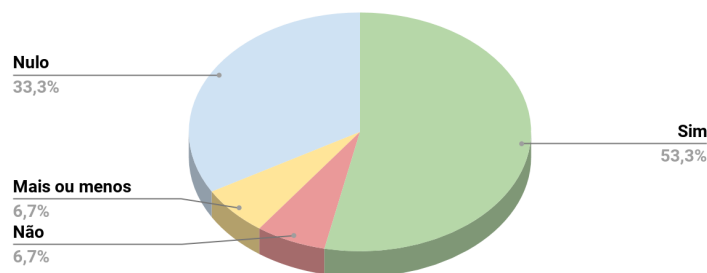


Fonte: A autora (2020)

Com o objetivo de entender melhor o pensamento de cada indivíduo sobre o feminismo, acrescentei ao questionário algumas bandeiras do movimento feminista, para entender quem era de acordo e quem era contra.

Gráfico 6 – Opiniões Acerca da Igualdade Salarial

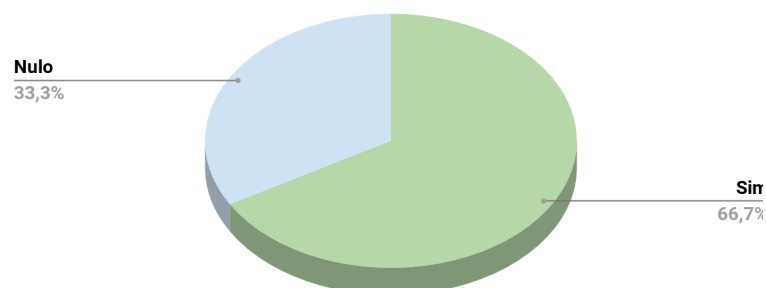
Você é a favor de homens e mulheres receberem o mesmo salário se desempenham a mesma função na mesma empresa?



Fonte: A autora (2020)

Gráfico 7 – Opiniões Acerca da Autonomia Feminina Sobre o Próprio Corpo

Você é a favor da mulher tomar as suas próprias decisões sobre a vida dela?

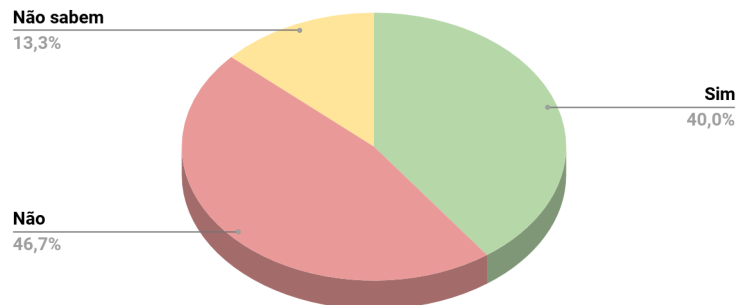


Fonte: A autora (2020)

O questionário foi dividido em três partes. A primeira parte consistiu em perguntas focadas em conhecer mais sobre o entrevistado, a segunda sobre o feminismo e o que o indivíduo sabe sobre o assunto, e, por fim, a última parte, que debate melhor sobre *fake news* e os seus efeitos. O primeiro passo era ver quantas pessoas já acreditaram em alguma notícia falsa ao longo da vida e se também já havia compartilhado alguma.

Gráfico 8 – Resposta à Pergunta “Você já acreditou em uma *Fake News*?”

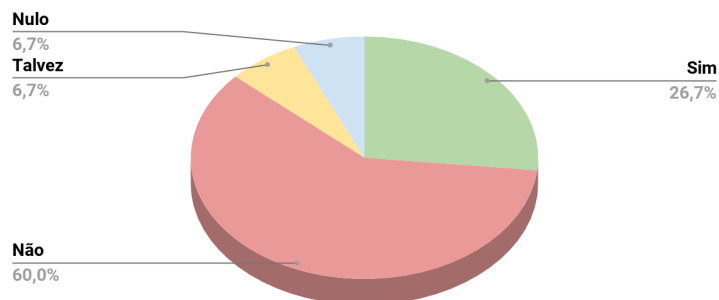
Você já acreditou em uma Fake News (Notícia Falsa)?



Fonte: A autora (2020)

Gráfico 9 – Entrevistados que Compartilharam *Fake News*

Você já compartilhou alguma Fake News no seu WhatsApp, Facebook ou qualquer outra mídia social?



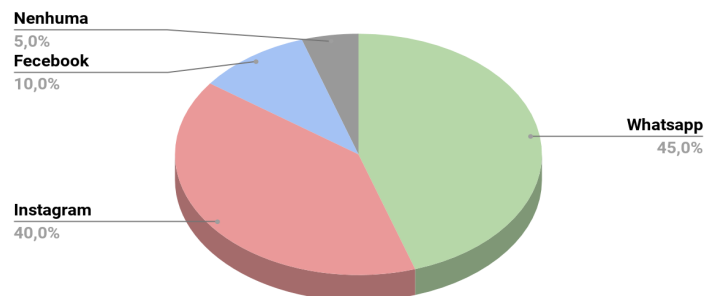
Fonte: A autora (2020)

Sabendo que a onda de *fake news* é mais presente nas mídias sociais, é importante determinar qual mídia social que as pessoas mais usam e assim entender onde as notícias falsas propagam-se em maior quantidade. Foi averiguado, também,

quantas pessoas verificam a fonte de uma notícia quando leem e quais portais elas julgam ser os mais confiáveis para se manterem informadas sobre as notícias e o que vem acontecendo no mundo.

Gráfico 10 – Mídias Mais Utilizadas Pelos Entrevistados

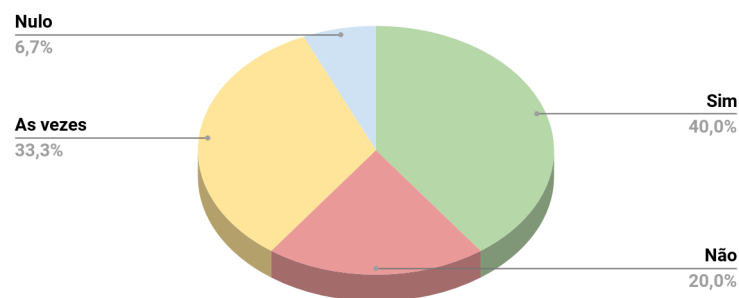
Qual mídia social que você mais utiliza?



Fonte: A autora (2020)

Gráfico 11 – Número de Entrevistados Que Buscam Veracidade de Notícias

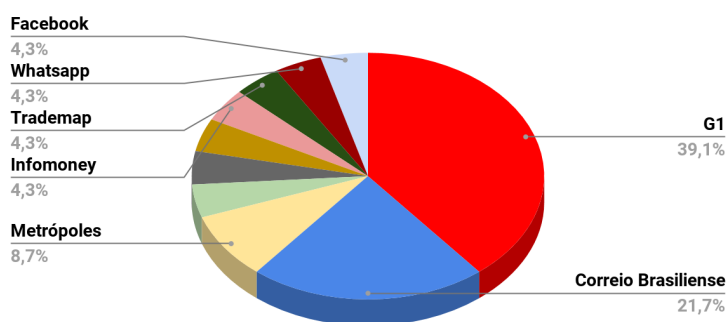
Você costuma averiguar a veracidade da notícia antes de compartilhar algo que escutou ou viu?



Fonte: A autora (2020)

Gráfico 12 – Portais de Confiança Para Notícias

Quais portais você confia e mais acessa? (Por onde você busca se informar das notícias sobre o mundo)



Fonte: A autora (2020)

Durante todo esse processo, fui registrando as informações e dando forma à minha monografia, mas ao final do segundo semestre de 2019, transformei o trabalho de monografia para produto, pois o intuito era que o máximo de pessoas pudessem ter acesso a um material simples e prático sobre o feminismo. Com um produto, atrairia mais atenção das pessoas e seria mais fácil a sua divulgação. Dessa forma, comecei a pensar num guia do feminismo, algo que fosse tanto digital quanto impresso, que tivesse uma linguagem simples e que fosse atrativo. A minha ideia sempre foi desmistificar essa imagem estereotipada que colocaram em cima do movimento feminista.

Para o guia, pensei em algo num foco maior para os jovens, numa faixa etária entre 19 a 27 anos, mas sem excluir as demais idades. Optei por criar a parte de design do manual por meio do site Canva pois é uma ferramenta da qual tenho mais domínio. Quis trazer cores e imagens, apelando bastante para o visual, pois o objetivo é despertar a vontade do leitor logo de início pelo design. Busquei referências em cartilhas como no Centro Feminista de Estudos e Assessoria² e em manuais que encontrei e achei interessantes. O processo de buscar inspiração foi fundamental para o desenvolvimento artístico do manual e também da sua funcionalidade.

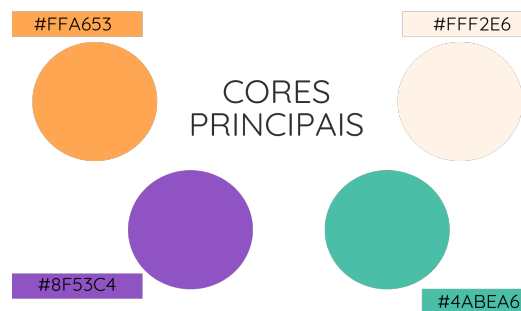
No conteúdo, optei por abordar os pontos principais de maior dúvida do movimento, o que leva a alguns indivíduos a produzirem *fake news* sobre o assunto. Apresentei notícias falsas que foram circuladas pelos meios de comunicação com uma

² CFEMEA. **Vamos Conversar Sobre Aborto?** 2011. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/colecao-femea-e-publicacoes/publicacoes/4348-vamos-conversar-sobre-aborto-conheca-e-defenda-seus-direitos> Acesso em 15 nov. 2020

frequência relevante que acabaram gerando dúvidas na sociedade sobre o que é o movimento feminista e pelo o que ele luta.

Na questão das cores, quis trazer algo colorido e bem dinâmico. O rosa, por ainda ser uma cor muito fortemente atribuída ao conceito da mulher e do feminino, optei por não usar muito. Não quis que fosse o meu elemento principal, visto que estou dialogando com homens e mulheres, com toda a sociedade. Apesar de querer cada vez mais desconstruir esse padrão de cores, também quis que as pessoas as quais quero atingir e que ainda acreditam muito nessa segregação de cor não rejeitassem o guia logo de primeiro momento. Sendo assim, optei por tons de laranja como um laranja mais escuro e um mais claro para se sobreporem, um roxo mais escuro e um verde-água como as minhas cores principais. Já para as cores secundárias, optei por subtons das cores principais, como um roxo mais claro, um laranja mais avermelhado, um amarelo e o clássico branco.

Figura 2 – Paleta de Cores Principais



Fonte: A autora (2020)

Figura 3 – Paleta de Cores Secundárias



Fonte: A autora (2020)

Para a Tipografia, escolhi algo mais descontraído; as fontes principais escolhidas foram a Gagalin e Cooper Hewitt Heavy. Como fonte de apoio e para textos maiores, optei por usar a Glacial Indifference. Ambas as fontes conversam entre si e

trazem um clima mais despojado e um pouco de dinamicidade. A sensação que eu quis passar para o leitor é a de que ele pudesse ter uma leitura divertida e proveitosa, não só pelo conteúdo em si mas também por meio das cores e estilo de fontes. Acredito que todos esses detalhes influenciam na leitura e na vontade de querer consumir algum produto; dessa forma, tentei aflorar essa vontade no leitor e desenvolver bem a parte estética do guia.

Figura 4 - Tipografia



Fonte: A autora (2020)

7 CONCLUSÃO

Podemos concluir que o aumento da propagação de *fake news* influenciou de alguma forma o movimento feminista. Querendo ou não, os boatos difamando toda a luta de mulheres que buscam por uma qualidade de vida mais igualitária e justa acabam prejudicando os feminismos. Quando se fala em igualdade entre homem e mulher, não é o mesmo que dizer que a mulher quer está num patamar superior. Essa é uma das *fake news* que é circulada até hoje e que possui um intuito de colocar as mulheres numa posição de vilãs, como inimigas do homem. Desse modo, torna-se uma forma de pegar uma das pautas do movimento e colocar o homem no centro como injustiçados. Conversar e esclarecer essas falas é uma forma de elucidar esse problema que ainda coloca os feminismos como algo ruim.

Ao deixarmos os nossos pré-conceitos de lado na hora de buscar entender sobre os feminismos, damos uma chance para o movimento contar a sua luta, a sua história, e estamos dispostos a ouvir. Quando o indivíduo vem armado de ódio ou de não querer debater, não adianta falarmos. Não seremos ouvidas até que queiram nos ouvir. O propósito não é convencer um cidadão de que existe um patriarcado e uma cultura misógina, e sim fazer com que o indivíduo enxergue o quão desigual é a sociedade, o quão importante é combater o problema e não fechar os olhos para um

problema que sempre existiu e permanece existindo. Se cada um não puder olhar para si próprio e visualizar este problema, não vai ser um grupo ou um movimento que vai mudar isso em alguém. Os feminismos levantam reflexões e questionam essas desigualdades no intuito de provocar uma autocrítica sobre o que o patriarcado deixou e não impor uma ideologia à força. O que se pode ser feito é trazer mais dessas vozes de mulheres que são constantemente silenciadas em casa, no trabalho ou nas instituições de ensino, além de poder colocar em evidência os problemas de gênero que deixaram uma enorme herança de desigualdade e submissão da mulher. Desse modo, mais pessoas poderão desconstruir o machismo que está enraizado na sociedade, de uma cultura que enxerga a mulher como o *Outro*, que a objetifica e que coloca o homem numa posição de controle e poder sobre a mulher.

Perceber qual é a sua função e o seu papel dentro do movimento feminista é o que vai fortalecer e dar o suporte para que as mulheres sejam vistas. O movimento feminista sozinho não terá a mesma força sem os homens, e uma mulher em guerra com outra mulher só enfraquecerá o movimento. Estamos num momento de permitir que a "ficha caia" e que a verdade seja escancarada. O histórico cultural da sociedade reforçou uma cultura misógina tanto em mulheres quanto em homens, e o que se pode fazer é desconstruir-se, libertar-se dos padrões que foram estabelecidos como "aceitáveis" e começar a questionar não só a si próprio, mas também as pessoas do nosso convívio, as que estão ao nosso redor com más atitudes, discursos machistas e discriminatórios. Assim, será possível despertar nesses indivíduos essa autorreflexão para que nós mulheres possamos assumir um lugar e afirmar que esses tipos de fala e comportamento não serão mais aceitos.

Pedir por respeito não deveria ser um sacrifício árduo, respeito é um direito de qualquer cidadão independente do seu gênero, raça, classe ou religião. As mulheres não podem mais ser ignoradas ou silenciadas, a vida de uma mulher não deveria valer menos que a de um homem. O valor da mulher é tão alto quanto o do homem, e é dever da sociedade reconhecer este problema e não se calar perante a ele.

O Guia Prático do Feminismo foi um processo longo, mas que trouxe muito aprendizado e, de uma certa forma, é o ensinamento do movimento feminista que pretendo passar com ele. Desde as suas cores, tipografia, desenhos e posições dos elementos gráficos, tudo foi profundamente pensado para atrair a sociedade a ter esse primeiro interesse em consumir esse material e com base no seu conteúdo, podendo ter o entendimento sobre o que é feminismo baseado somente em fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOND, Letycia. **Casos de Femicídio Crescem 22% em 12 Estados Durante Pandemia**. AgênciaBrasil, 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-femicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia> Acesso em 15 nov. 2020

D'URSO, Luiz Augusto Filizzola. **É Crime Compartilhar uma Fake News?** Canal Ciências Criminais, 2018. Disponível em:

<https://canalcienciascriminais.com.br/crime-compartilhar-fake-news/> Acesso em 11 nov. 2020

FILHO, Otavio Frias. O Que é Falso Sobre *Fake News*. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, 2018.

CAGE, Matilda. **Matilda Joslyn Gage speech at the National Woman's Rights Convention**. 1852. Disponível em: <https://susanb.org/wp-content/uploads/2018/12/Matilda-Joslyn-Gage-Syracuse-NY-1852.pdf> Acesso em 12 nov. 2020

HOOKS, bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MCCANN, Hannah et al. **O Livro do Feminismo**. 1ª ed. Globo Livros, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019